



A Santa Sé

**DISCURSO DO PAPA JOÃO PAULO II
A UM GRUPO DE SEIS MIL ESTUDANTES
PARTICIPANTES DO CONGRESSO
UNIVERSITÁRIO MUNDIAL**

10 de Abril de 1979

Caríssimos irmãos e irmãs

Graças às palavras do Presidente do vosso Congresso universitário, traçastes-me um substancioso resumo das finalidades destes dias que estais passando em Roma e falastes-me das aspirações e dos ideais de que ardem os vossos corações.

Agradeço-vos sinceramente as expressões de afecto que me dedicais e ao meu universal ministério de Sucessor de Pedro.

Sei que estais aqui em representação de nada menos de 217 Universidades de todo o mundo, e já isto é sinal positivo da universalidade da fé cristã, embora esta nem sempre tenha vida fácil. Conheço bem, de facto, as inquietações do mundo universitário, mas conheço também o vosso juvenil empenho de assumir pessoalmente a responsabilidade que vos entrega Cristo: serdes testemunhas d'Ele nos ambientes em que, por meio do estudo, se elaboram a ciência e a cultura.

Nestes dias, reflectis vós sobre os esforços que no mundo se estão a realizar com o fim de desenvolver a unidade e a solidariedade entre os povos. Com razão vos perguntais sobre que valores devem basear-se tais esforços, para não caírem no perigo da retórica de palavras vazias. E perguntais-vos, ao mesmo tempo, em nome de que ideais é possível irmanar deveras culturas e povos tão diversos como, por exemplo, os que vejo aqui representados por vós.

Já me conforta, por isto, descobrir nos vossos olhares o desejo de procurar em Cristo a revelação do que Deus diz ao homem e de como deve o homem responder a Deus.

Aí está, caríssimos, o ponto central: devemos olhar para Cristo com toda a nossa atenção. Sabemos que o desígnio de Deus é *recapitular n'Ele todas as coisas* (Ef. 1, 10), mediante a singularidade da sua pessoa e do seu destino salvífico de morte e de vida. Precisamente nestes dias, em que revivemos a sua bem-aventurada Paixão, tudo isto se torna mais evidente: Cristo mostra-se-nos, na verdade, com feições ainda mais semelhantes às da nossa débil natureza de homens. A Igreja aponta-nos para Jesus levantado na Cruz, *homem das dores que bem sabe o que é sofrer* (Is. 53, 3), mas também ressuscitado dos mortos, *sempre vivo a interceder em nosso favor* (Heb. 7, 25).

Eis, portanto, aquele para quem o Papa vos convida a olhar: Cristo crucificado pelos nossos pecados e ressurgido para a nossa salvação (Cfr. Rom. 4, 25), o qual se torna ponto de convergência universal e irresistível: Quando for elevado da terra, tudo atrairei a mim (Jo. 12, 32).

Sei que vós colocais a vossa esperança naquela cruz, que se tornou para nós todos «bandeira real» (Hino litúrgico da Paixão). Continuai a estar, cada dia e em todas as circunstâncias, impregnados pela sabedoria e pela força, que só da Cruz pascal vos vêm. Procurai tirar desta experiência energia sempre nova e purificadora. A Cruz é o ponto de força no qual nos apoiamos para serviço do homem, de maneira que transmitamos a tantíssimos outros a alegria imensa de sermos cristãos.

Nestes dias, ao contemplar Cristo levantado e cravado na Cruz, volta muitas vezes ao meu espírito a expressão que serve a Santo Agostinho para comentar a passagem do Evangelho de São João há pouco aludida: «O madeiro da Cruz a que tinham sido cravados os membros de quem morre, tornou-se a cátedra do Mestre que ensina» (Santo Agostinho, *In Jo.* 119, 2). Reflecti: que voz, que mestre do pensamento pode fundar a unidade entre os homens e as nações, senão Aquele que, dando a própria vida, obteve *para todos* nós a adopção de filhos do mesmo Pai? Foi precisamente esta filiação divina, que nos conquistou Cristo na Cruz e que tornou real enviando o seu Espírito aos nossos corações, o único fundamento sólido e indestrutível da união duma humanidade remida.

Meus filhos, no vosso Congresso fizestes notar os sofrimentos e as contradições que desorganizam uma sociedade quando ela se afasta de Deus. A sabedoria de Cristo torna-vos capazes de chegar a descobrir a nascente mais profunda do mal que existe no mundo. E estimula-vos também a proclamar a todos os homens, vossos companheiros de estudo hoje e de trabalho amanhã, a verdade que aprendestes dos lábios do Mestre, isto é, que o mal provém «do coração dos homens» (Mc. 7, 21). Não bastam, portanto, análises sociológicas para levarem à justiça e à paz. A raiz do mal está no interior do homem. O remédio, por isso, vem ainda do coração. E — apraz-me repeti-lo — a porta do vosso coração só pode ser aberta por aquela Palavra grande e definitiva do amor de Cristo para connosco, que é a sua morte na Cruz.

É a ela que nos deseja Cristo levar: ao interior de nós. Todo este tempo que precede a Páscoa é convite constante para a conversão do coração. É esta a verdadeira sabedoria: *initium sapientiae timor Domini* (Sir. 1, 16).

Caríssimos, tende pois a coragem do arrependimento; e tende também a coragem de ir buscar a graça de Deus à Confissão sacramental. É o que vos tornará livres. Dar-vos-á a força de que necessitais para as realizações que vos esperam, na sociedade e na Igreja, em serviço dos homens. Na verdade, o serviço autêntico do cristão mede-se com base na presença activa da graça de Deus nele e por meio dele. A paz no coração do cristão está, portanto, inseparavelmente unida à alegria, que em grego (*cará*), está etimologicamente próxima de graça (*cáris*). Todo o ensinamento de Jesus, inclusive a sua Cruz, tem precisamente esta finalidade: *para que a minha alegria esteja em vós e a vossa alegria seja plena* (Jo 15, 11). Quando ela faz que um coração se torne verdadeiramente cristão, infunde-se depois nos outros homens, gera neles esperança, optimismo e impulsos de generosidade na labuta quotidiana, contagiando a sociedade inteira.

Filhos meus, só tendo em vós esta graça divina, que é alegria e paz, podereis construir alguma coisa válida para os homens. Considerai, portanto, a vossa vocação universitária nesta magnífica perspectiva cristã. O estudo hoje, a profissão amanhã, tornam-se para vós caminho para encontrar a Deus e servir os homens vossos irmãos; tornam-se, quer dizer, caminho de santidade, como resumidamente se exprimia o caríssimo Cardeal Albino Luciani pouco antes de ser chamado a esta Sé de Pedro com o nome de João Paulo I: «Lá, bem no meio do caminho, no escritório e na fábrica, faz-se a gente santa, contanto que desempenhe o próprio dever com competência, por amor de Deus e alegremente; de maneira que o trabalho quotidiano se torne não 'o trágico quotidiano', mas quase 'o sorriso quotidiano'» (De *Il Gazzettino* de 25 de Julho de 1978)

Por fim, a Maria Santíssima, *Sedes Sapientiae*, que encontramos nestes dias *iuxta crucem Iesu* (Jo 19, 25), recomendo que vos ajude a estardes sempre à escuta desta sabedoria, que vos dará a vós e ao mundo a alegria imensa de viver com Cristo.

E sempre e em qualquer ambiente em que vos encontreis a viver e a testemunhar o Evangelho, vos acompanhe a minha paternal Bênção Apostólica.